

# A EXPORTAÇÃO DE SERVIÇOS DO BRASIL NO PERÍODO DE 2011 A 2020

Larissa Naves de Deus Dornelas<sup>1</sup>  
Bruna Borges<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho visa analisar a dinâmica da exportação de serviços brasileira no período de 2011 a 2020, tendo em vista as principais teorias econômicas que apontam a importância da exportação ao desenvolvimento de um país. Para além, utilizando-se dos métodos bibliográfico, descritivo e estatístico, o trabalho analisa o panorama macroeconômico geral da economia brasileira nos anos 2011 a 2020, período típico de um ciclo econômico e discute se a dinâmica das exportações de serviços segue tal comportamento cíclico. Por fim, analisam-se quais os principais serviços exportados pelo país e seus principais parceiros, fazendo-se a comparação entre estes resultados com o dos principais países exportadores de serviços. Os resultados preliminares apontam que o Brasil se tornou o maior exportador de serviços da América Latina, mas em comparação com países mais desenvolvidos sua participação ainda é pouco significativa, como no caso dos Estados Unidos, Holanda, Reino Unido e Alemanha.

**PALAVRAS-CHAVE:** Exportação de Serviços; Comércio Exportador Brasileiro; Comércio Internacional.

**ABSTRACT:** This paper aims to analyze the dynamics of Brazilian service exports in the period from 2011 to 2020, taking into account the main economic theories that point to the importance of exports to the development of a country. Furthermore, using bibliographical, descriptive and statistical methods, the paper analyzes the general macroeconomic panorama of the Brazilian economy in the years 2011 to 2020, a typical period of an economic cycle, and discusses whether the dynamics of exports of services follows such cyclical behavior. Finally, we analyze which are the main services exported by the country and its main partners, comparing these results with those of the main service-exporting countries. The preliminary results indicate that Brazil has become the largest exporter of services in Latin America, but in comparison with more developed countries its participation is still not significant, as in the case of the United States, the Netherlands, the United Kingdom and Germany.

**KEY-WORDS:** Export of Services; Brazilian Export Trade; International Trade.

**JEL CODE:** F1; F10, F19.

**Área Temática:** 5 – Economia Internacional.

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Economia da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

<sup>2</sup> Graduada em Ciências Econômicas na Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO).

# 1 INTRODUÇÃO

A análise sobre o papel que as exportações desempenham no desenvolvimento econômico de um país é tema discutido há muitos anos na teoria econômica. Há uma visão geral de que o desenvolvimento de um país tem por auxílio as exportações, pois elas, com o aumento da concorrência comercial, aumentam a diversificação de produtos comercializados, além de contribuírem para o aumento da demanda agregada interna.

As exportações relacionam-se tanto à comercialização de bens quanto de serviços. A principal distinção entre as categorias reside em não necessariamente ocorrer movimentação fronteiriça quando se trata das exportações de serviços, uma vez que na maioria dos casos, os serviços são intangíveis, como uma solução produtiva.

Muitos autores, como Arbache (2016) e Ferreira (2018), consideram a exportação de serviços uma fonte de estímulo à competitividade dos países, pois pode apresentar maior conteúdo tecnológico e transmitir diversidade na pauta exportadora ao longo dos anos. Como exemplo, citam a exportação de *software* e serviços de tecnologia da informação, em que não existe a necessidade de o prestador sair de seu local e demonstra uma maior evolução tecnológica do país que vende o serviço. Além disso, Zhang e Schimanski (2014) apontam a maior participação dos países nas chamadas cadeias globais de valor<sup>3</sup> como uma importante estratégia de desenvolvimento econômico, devido à maior rede de contatos, acesso aos mercados globais de capital, conhecimento e tecnologias, além de maior oportunidade às empresas na construção e melhoria de sua capacidade produtiva.

No comércio mundial, os maiores países exportadores de bens são também os maiores exportadores de serviços, que vem se tornando cada vez mais comercializáveis devido à alta evolução tecnológica e integração econômica mundial. No ano de 2020, os principais exportadores de serviços no mundo foram os Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha e China, que já se configuram também entre os maiores exportadores de bens (CNI, 2020). Tais países possuem maior desempenho tecnológico e mais qualificação, tornando-se os maiores exportadores competitivos de ambos os segmentos.

Já os países em desenvolvimento são recorrentemente conhecidos por apresentarem problemas de falta de infraestrutura, ineficiência e pouca qualificação em algumas funções. Este é o caso do Brasil, considerado um país atrasado tecnologicamente e com problemas de infraestrutura, como representado pelo *ranking* internacional de competitividade, em que o país ocupa a 57ª posição no ano de 2021, dentre sessenta e quatro países (BATISTA, 2021). Ainda assim, nos últimos anos o Brasil destaca-se, no âmbito da América Latina, em termos de sua participação nas exportações de serviços (PEREIRA, SENNES e MULDER, 2009).

Quanto à análise da dinâmica macroeconômica do Brasil, nos últimos anos o país apresentou grande volatilidade em seus principais indicadores, representada por momentos de expansão e retração do crescimento, e em 2020, pelo impacto da pandemia do novo-coronavírus, como demonstrado por autores que consideram a última década, para o país, como a nova década perdida (CONSIDERA, TRECE, 2021).

Tendo em vista tal cenário macroeconômico, junto à importância da exportação de serviços na atual conjuntura dinâmica das cadeias globais de valor, sobretudo aos países emergentes, este trabalho visa verificar a dinâmica da exportação de serviços no Brasil no período de 2011 a 2020, de modo a avaliar o comportamento desta atividade em relação ao total produzido pelo país. Neste sentido, como objetivo geral busca-se analisar a participação do setor de serviços brasileiro nas exportações totais do país durante o período de 2011 a 2020, de modo a se verificar se este setor acompanhou (ou não) a tendência cíclica da atividade econômica total do país. Busca-se, ademais, como objetivos específicos, apresentar as principais teorias que tratam da importância do comércio internacional na teoria econômica, assim como analisar o atual estágio do comércio internacional,

---

<sup>3</sup> Termo utilizado para caracterizar o grande aumento da fragmentação das diferentes etapas do ciclo produtivo de bens e serviços, em diferentes países, no sentido de que a linha que liga a criação de um produto/serviço até a entrega ao consumidor final é realizada por uma rede global de empresas (ZHANG E SCHIMANSKI, 2014).

identificar os principais serviços que são exportados pelo Brasil e seus países de destino, além de comparar estes resultados com os países que se destacam na exportação de serviços a nível mundial.

Dessa forma, para a realização deste trabalho será utilizada a metodologia bibliográfica, em que se buscará o apoio teórico de livros e artigos científicos que tratam sobre o tema em questão. Além disso, serão utilizadas as metodologias descritiva e estatística, a partir do tratamento e análise de dados disponibilizados pelo Banco Central do Brasil, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Mundial, que auxiliarão a apresentação do panorama macroeconômico da economia brasileira, assim como a dinâmica de seu setor exportador de serviços entre 2011 e 2020.

Para tanto, o trabalho é estruturado em três seções, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira seção apresenta-se a discussão teórica em torno da importância das exportações no desenvolvimento econômico de um país, com destaque às principais fases que marcam a história do comércio externo. Na segunda seção expõe-se o panorama macroeconômico geral da economia brasileira no período de 2011 a 2020, assim como dados referentes à participação da exportação de serviços do país neste período. Já na última seção, tem-se o intuito de verificar quais são os principais serviços exportados pelo Brasil, assim como seus principais parceiros, de modo a se comparar tal dinâmica com os principais países exportadores deste segmento, considerando o período de 2011 a 2020.

## **2. EXPORTAÇÕES: DA TEORIA ÀS PRINCIPAIS FASES HISTÓRICAS DO COMÉRCIO MUNDIAL**

A era comercial mundial iniciou-se com a Revolução Comercial no século XVI e com as Grandes Navegações. A doutrina Mercantilista data deste período em que, em termos econômicos, uma Nação forte seria aquela que acumulasse riqueza, que à época era representada pelos metais preciosos. Nesse sentido, as discussões em torno da importância do comércio internacional para auxiliar as Nações na acumulação de riqueza tiveram destaque nesta corrente de pensamento. Pode-se considerar que, entre meados de 1500 a 1750, as discussões em torno dos objetivos dos países importarem ou exportarem suas produções foram dando a base para que as teorias do comércio exterior fossem se desenvolvendo (BUZZO, 2015).

De acordo com Moreira (2012), Adam Smith foi o criador da Teoria Liberal do Comércio Internacional no livro “A Riqueza das Nações”, em que, a partir da divisão do trabalho e da crítica ao protecionismo, desenvolveu a Teoria das Vantagens Absolutas. Para Smith, quanto mais fosse desenvolvida a divisão do trabalho, mais especializado e eficiente este seria e, conseqüentemente, mais rica a Nação. E essa divisão do trabalho dependeria da extensão dos mercados, no sentido de que quanto mais abertos às trocas internacionais eles fossem, mais ricas seriam as Nações que os integravam.

Diante da relevância teórica em se buscar explicar quais fatores motivam as trocas comerciais entre países e dialogando com a teoria de Adam Smith, em 1817 David Ricardo desenvolveu a chamada Teoria das Vantagens Comparativas. Também conhecida como Modelo Ricardiano, as relações comerciais entre os países seriam explicadas segundo a vantagem comparativa, no sentido de que, os países exportariam e importariam bens produzidos onde o trabalho fosse relativamente mais ou menos eficiente, respectivamente. Desse modo, o comércio internacional seria favorável para os dois lados da negociação, gerando ganhos comerciais aos envolvidos (MOREIRA, 2012). Merece destaque, conforme descrevem Coutinho et al (2005), que Ricardo aprimorou a teoria até então vigente, pois levou a possibilidade de ganhos comerciais decorrentes das trocas internacionais mesmo para países que não possuíssem vantagem absoluta em nenhum bem.

No conjunto de teorias neoclássicas sobre o comércio internacional se destaca a teoria desenvolvida por Heckscher e aprimorada por Ohlin, no início do século XX, que ficou conhecida como Modelo Heckscher-Ohlin. Nesta teoria o comércio internacional é explicado pelas diferenças em abundância de fatores de produção entre os países, ou seja, sua abundância de terra, capital e

trabalho. Dessa forma, ao contrário das teorias anteriores, o comércio internacional entre os países seria explicado pelas diferentes dotações de fatores de produção que cada país apresenta, além da intensidade com que cada país utiliza seus fatores de produção. Sendo assim, no “Teorema de Hecksher-Ohlin: o país que é abundante em um fator exporta o bem cuja produção é intensiva nesse fator” (KRUGMAN, OBSTFELD E MELITZ, 2015, p.76).

Entretanto, Coutinho et al (2005) descrevem que Leontief realizou um estudo empírico, em 1953, para testar a teoria de Hecksher-Ohlin, ficando conhecido como Paradoxo de Leontief, no qual analisou a exportação e importação dos Estados Unidos depois da Segunda Guerra Mundial. Os resultados encontrados pelo estudo mostraram que o país, que era relativamente abundante em capital, exportava produtos menos intensivos em capital, enquanto suas importações eram de produtos intensivos em capital, contrariando as conclusões da teoria testada.

Outro ponto a se destacar é que a Teoria de Hecksher-Ohlin vem apresentando falhas em suas explicações, devido ao atual formato e funcionamento do mercado internacional. Nesse sentido, três fatores explicam tais falhas: o primeiro, por haver expressiva produção de produtos semelhantes no mercado internacional; o segundo, por haver um grande volume de comércio entre países industrializados com dotação de fatores semelhantes; e, por fim, a ascensão do formato de empresas multinacionais, criam um novo tipo de comércio (COUTINHO et al, 2005). Pode-se adicionar ao argumento de Coutinho et al (2005) a emergência e importância do novo formato em que se divide e organiza a produção de produtos e serviços a nível mundial na contemporaneidade, sendo as cadeias globais de valor um novo fator que também representaria uma falha da aplicabilidade da Teoria de Hecksher-Ohlin.

No bojo das discussões teóricas em torno do comércio internacional, destaca-se a obra de Friedrich List, autor de críticas às teorias clássicas do comércio internacional. Para o autor, a economia clássica ignora o caráter hierárquico do comércio internacional, pelo fato de defender o livre comércio para trazer o estado de bem-estar social. Além disso, List também ressalta que as forças produtivas têm como base a produção do conhecimento humano como caráter produtivo. Essa contribuição se contrapõe ao pensamento clássico, que considera somente o trabalho físico como fonte produtiva (MOREIRA, 2012).

Para além das críticas às teorias clássicas, os autores Dosi, Pavitt e Soete (1990) também trouxeram críticas às teorias neoclássicas do comércio internacional. Para estes autores, as teorias anteriores consideram as mudanças tecnológicas como variável exógena à dinâmica econômica, não compreendendo que as transformações tecnológicas são, na verdade, propriedades do processo econômico. Em linha, o autor Raul Prebisch (1949) critica as teorias de que os benefícios do comércio internacional atingem todos os países de forma equitativa. Para ele não é o que ocorre, pois a elevação da produtividade nos países centrais acaba por elevar os preços dos produtos manufaturados ao invés de os reduzir, o que faz com que tais países obtenham maiores ganhos que os periféricos na dinâmica do comércio mundial.

E esse desequilíbrio entre as nações, segundo Prebisch (1949,1952 apud Moreira, 2012, p. 222):

[...] reside no fato de que o progresso técnico reduziu a proporção em que os produtos primários intervêm nos valores dos produtos finais e isso teve como consequência uma redução da demanda global por produtos primários. Por outro lado, a demanda por produtos industrializados tem uma forte tendência a aumentar.

Além disso, as importações de produtos primários tendem a crescer menos do que os industrializados, sendo um problema para os países da América Latina, tipicamente periféricos, que se concentram na produção de produtos primários, ocasionando desequilíbrio de renda entre o centro e periferia (MOREIRA, 2012).

Após a discussão trazida pelas teorias clássica e neoclássica sobre o comércio internacional e os principais apontamentos dos autores críticos a essas teorias, surge, mais recentemente, a Nova Teoria do Comércio, através de trabalhos de Paul Krugman datados do início da década de 1980. Esta teoria descreve que o padrão do comércio internacional pode ser explicado pelas economias de escala

e pelos efeitos em rede que acontecem em indústrias-chave. Neste caso, a economia de escala é aquela que amplia a quantidade produzida, sem que haja o aumento proporcional dos custos de produção. Assim, Krugman, Obstfeld e Melitz (2015) relatam que um país possui vantagem comparativa na produção de algum produto se o custo de oportunidade, com relação aos outros bens, for menor nesse país do que em outros.

Portanto, em dois países podem não haver diferenças em termos de dotação de fatores e tecnologia, mas, se um deles se especializar em uma indústria, sua economia pode se beneficiar das economias de escala, criando um incentivo para o comércio. E também, essa indústria possui a chance de se tornar dominante nesse mercado, facilitando a concorrência monopolística. Além disso, países mais pobres e que estão em desenvolvimento acabam tendo dificuldades em novos segmentos pelo fato da economia de escala ser largamente mais presente nos países desenvolvidos (Krugman, 1988).

Para além do âmbito teórico em que foram desenvolvidas as principais teorias do comércio internacional, cada qual explicando os incentivos à exportação segundo fatores próprios, é possível visualizar, ao longo da história econômica, algumas fases que marcam a evolução da comercialização entre as economias. O marco que dá início às trocas comerciais em nível mundial data entre os séculos XVI e XVIII, com as Grandes Navegações, em que países europeus buscavam diversos produtos que eram necessários (escassos) nesses países. A partir deste período observou-se a chamada Revolução Comercial e, mais tarde, a Revolução Industrial, representando outro grande avanço econômico, com a criação de máquinas, com o aumento de produtividade e lucro (BUZZO, 2015).

Mais tarde, essa era de globalização, marcada pelos avanços comerciais e industriais chega ao fim, em 1914. As duas Guerras Mundiais, a Grande Depressão e o forte protecionismo econômico atuaram para deprimir o comércio mundial, de modo que “o comércio mundial cresceu rapidamente nas décadas anteriores à Primeira Guerra Mundial, mas depois caiu significativamente. [...] a globalização não retorna aos níveis pré-guerra mundial até a década de 1970” (KRUGMAN, OBSTFELD E MELITZ, 2015, p.15).

Uma nova fase de destaque da globalização, segundo Buzzo (2015), se dá no início do século XX, com a maior integração das corporações financeiras e sistema bancário, integrando a fase de globalização não apenas comercial, mas também financeira. Neste sentido, por um lado, uma das esferas da globalização consiste no desenvolvimento e maior peso dado ao comércio internacional como fonte de crescimento às economias. Por outro lado, a desregulamentação, até então apenas comercial, se espalha para o âmbito financeiro em nível mundial, na perspectiva de, mais uma vez, se alcançar crescimento.

Neste sentido, há um conjunto de autores que defendem a abertura comercial, como Sarquis (2011), que afirma que todos os países se beneficiam dos ganhos de crescimento da globalização se participarem da expansão do comércio. E, Buzzo (2015) ainda complementa ao ressaltar que alguns países criam políticas específicas para o comércio exterior, como por exemplo, incentivos fiscais, seguro de crédito e financiamento. Um exemplo desse tipo de política pode ser representado, no Brasil, pelo apoio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) ao financiamento de grandes empreendimentos industriais e de infraestrutura para a exportação, para pequenas e médias empresas (FERREIRA et al, 2004).

Entretanto, em meio ao crescimento das transações econômicas internacionais e da maior competição entre os países, observa-se forte desigualdade em termos do desenvolvimento entre eles. Estevadeordal, Blyde e Suominen (2013) ressaltam, tendo em vista a atual marca da organização industrial no mundo, representada pelas cadeias globais de valor, que estas não se encontram distribuídas de maneira uniforme no mundo. Na verdade, as principais ‘redes internacionais de produção’<sup>4</sup> concentram-se na Ásia, Europa e América do Norte. Com isso, assim as teorias críticas apresentadas acima destacam, “(...) muitos países em desenvolvimento, especialmente na África e na América Latina, permanecem à margem da produção transfronteiriça compartilhada, de tal maneira que as cadeias globais de valor dificilmente são otimizadas” (Estevadeordal, Blyde e Suominen (2013, p. 7).

---

<sup>4</sup> Termo utilizado como sinônimo de cadeias globais de valor.

Em complemento, Magnoli (2012) esclarece que o comércio mundial atualmente divide-se em torno de três principais polos: Ásia/Pacífico, representando o maior polo comercial, onde a China é o maior país exportador; a Europa, sendo o segundo maior polo de intercâmbios inter-regionais, possuindo déficit com a Ásia/Pacífico e saldo positivo com a América do Norte; e o terceiro maior polo comercial é a América do Norte, que representa o segundo maior exportador do mundo e o maior importador.

Porém, além dos três polos, existem também os polos periféricos, ou seja, países com menor diversidade de produção e menores taxas de comércio internacional sendo o Oriente Médio, que são exportadores de petróleo e dependem da Ásia e Europa; também há a África, que fornece combustíveis, minério e produtos tropicais, mantendo esse comércio principalmente com a Europa. Outro polo periférico seria a Comunidade dos Estados Independentes (CEI) nos quais por exemplo, a Ucrânia, Moldávia, Armênia, entre outros fazem parte, e, mantém comércio com a Europa. Por fim, o último polo seria América do Sul e Central, com comércio diverso (MAGNOLI, 2012).

Um dos países do polo da América do Sul e Central é o Brasil, que segundo Garcia (2019) era conhecido historicamente como agroexportador, por exportar inicialmente pau-brasil, cana de açúcar, borracha, café, algodão e carne. Após a segunda metade do século XX começou a exportar produtos manufaturados pela indústria. Dessa forma, a partir dos anos 1950 o país pautou seu desenvolvimento industrial como política governamental, implantando uma política externa de cunho mais protecionista. Nesse período, inclusive, destaca-se a adoção da política de substituição de importações como medida de estímulo ao desenvolvimento industrial. Entretanto, a crise externa fez com que o país tivesse que voltar com a liberalização de sua política comercial. A maior abertura comercial brasileira foi então sendo observada ao longo dos anos 1980 e 1990.

A abertura econômica e comercial do Brasil ajudou em partes em seu desenvolvimento. Atualmente, além do Brasil ser reconhecido como um país agroexportador, Pereira, Sennes e Mulder (2009) também descrevem que ele se tornou um país exportador de serviços, sendo o mais dinâmico da América Latina desde 1990 neste ramo. Esse tipo de segmento engloba vários serviços, muitas vezes são intensivos em conhecimento, aumentando a produtividade e competitividade empresarial, como por exemplo, serviços financeiros, serviços relacionados à tecnologia da informação (TI), serviços de engenharia, entre outros.

Essa atividade é considerada central em vários países, já que a expansão dos serviços se deve à maior demanda relacionada ao maior patamar de renda da sociedade, que beneficia alguns setores, como a indústria de hotelaria e turismo, por exemplo (KON, 2006). Além disso, Santos e Amorim (2019) descrevem que este segmento possui boas perspectivas de crescimento, representando atualmente um terço da produção de emprego, dois terços da produção mundial e um quinto do comércio internacional. Na atual fase que marca o comércio internacional, com a emergência da fragmentação produtiva, há a comercialização cada vez maior de insumos e serviços intermediários, de modo que se abrem oportunidades, sobretudo aos países em desenvolvimento, de maior participação no comércio mundial, ao não mais ser necessário que um país domine a competência envolvida em todas as etapas produtivas de determinado produto ou serviço, conforme apontam Estevadeordal, Blyde e Suominen (2013).

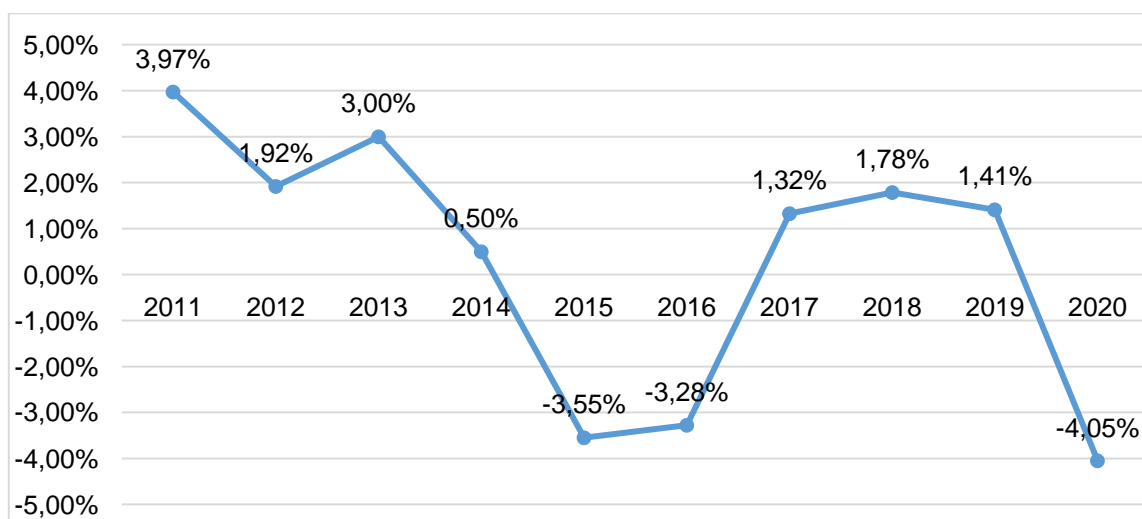
É possível observar que a exportação de serviços pode ser vista pelos países como uma oportunidade de desenvolvimento, visto que ela traz a chance de abertura para novos mercados e avanço na competitividade. E o avanço em geral do comércio internacional faz com que as empresas veem o comércio de serviços como fonte de rentabilidade. Para a sociedade, há perspectivas de geração de maior renda per capita, maior poder de compra e maior geração de emprego (RIGHETTI E MICHEL, 2007).

No caso do Brasil, um país em desenvolvimento, mas que é o maior exportador de serviços da América Latina, observa-se a relevância desse tipo de troca internacional para sua dinâmica econômica. Dessa forma, na próxima seção busca-se verificar o panorama macroeconômico geral da economia brasileira e, inclusive os dados relacionados à magnitude da exportação de serviços do país, no período de 2011 a 2020.

### 3. ECONOMIA BRASILEIRA: PANORAMA ECONÔMICO GERAL E AS EXPORTAÇÕES DE SERVIÇOS NOS ANOS 2011 A 2020

Esta seção busca analisar o panorama econômico geral da economia brasileira, além da participação da exportação de serviços do Brasil no período de 2011 a 2020. A escolha deste período, aproximadamente 10 anos, busca demonstrar um típico ciclo econômico, com expansão e retração econômica, analisando-se assim os dados macroeconômicos centrais deste período.

O PIB é o principal agregado das contas nacionais, constituindo como um indicador da renda gerada pela atividade produtiva da economia, em um determinado período. Para sua estimativa são utilizados os preços correntes, medidos a partir dos preços praticados no período de referência, ou, os preços constantes, calculados a partir dos preços determinados em um ano base (HALLAK NETO, 2014). Conforme demonstra a Figura 1, que representa a taxa de crescimento do PIB brasileiro, a partir dos dados do FMI (2021) para o período de 2011 a 2020, percebe-se uma grande volatilidade da taxa de crescimento da economia brasileira. O início do período analisado apresenta taxas positivas de crescimento, mas há uma grande queda nos anos de 2014 até 2016, período em que o país passou por uma grande recessão. Os anos de 2017 a 2019 voltam a apresentar taxas positivas de crescimento do PIB, mas, estas taxas situaram-se em patamares baixos. Já no último ano de análise, 2020, observa-se também uma queda na taxa de crescimento do PIB. Este ano foi atípico em função da pandemia do Covid-19, que causou efeitos negativos sobre a produção não só do Brasil, como da economia global.



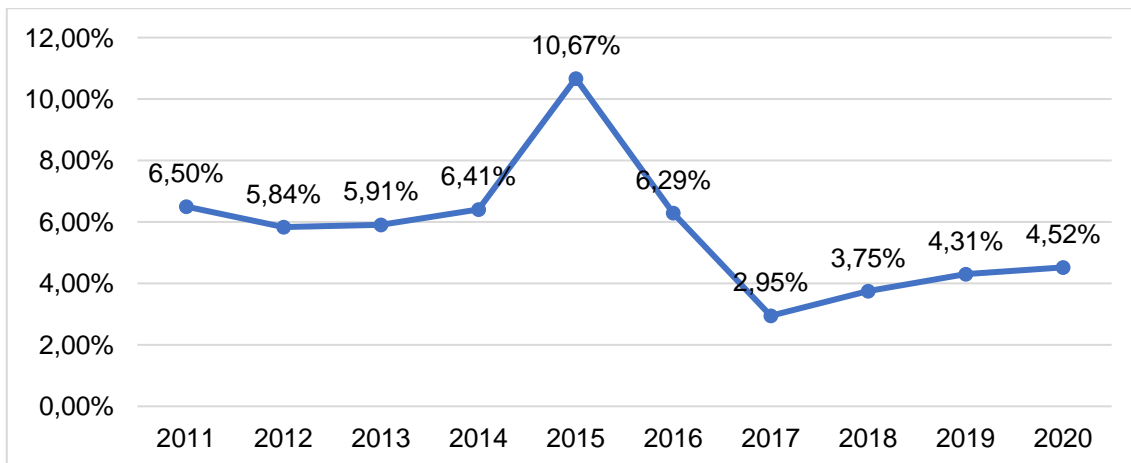
**Figura 1: Taxa de crescimento do PIB brasileiro - preços constantes (%) de 2011 a 2020**

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados do Fundo Monetário Internacional (FMI, 2021).

Além da análise do PIB, existem outros agregados que auxiliam a compreensão sobre a dinâmica de uma economia. A taxa de inflação é um deles, que, segundo o IBGE (2021a) representa dados do comportamento do nível geral de preços de serviços e produtos em um país, sendo calculada através dos índices de inflação. A taxa de inflação da economia brasileira para o período de 2011 a 2020, apresentada na Figura 2, mostra uma grande elevação entre os anos de 2014 e 2016, passando, inclusive da meta de inflação do governo que era de 4,5% a.a.

Já em 2017, a taxa de inflação começa a ceder. O setor que mais contribuiu para conter a inflação neste período foi o de alimentos e bebidas, ocorrendo a redução dos preços dos alimentos consumidos em casa. E essa deflação dos alimentos foi causada pela safra recorde, ou seja, aumento da produção agrícola (OLIVEIRA, 2018).

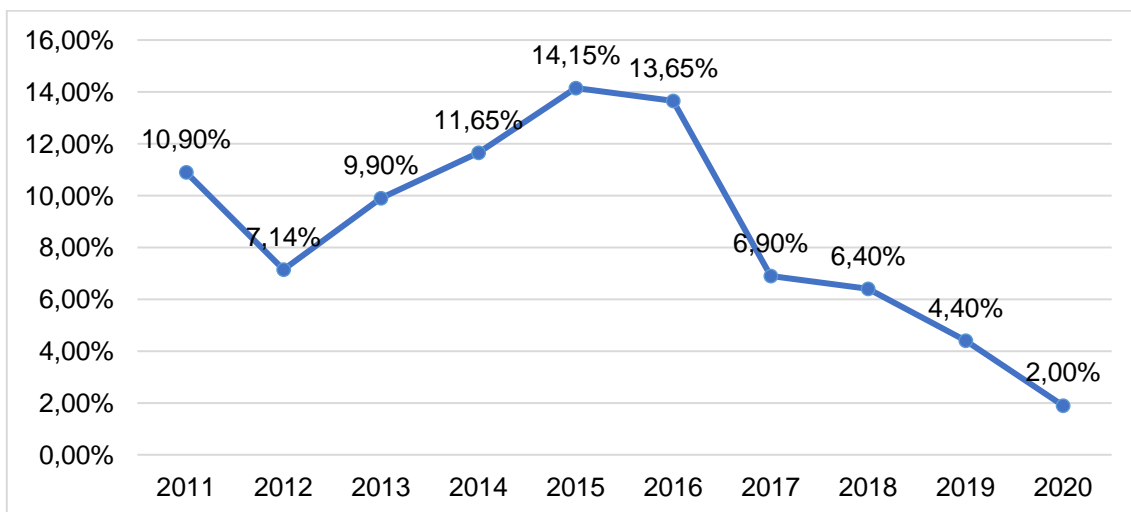
Nos demais anos, segundo Silveira e Alvarenga (2021), a inflação começa a aumentar, principalmente em 2020, sendo a maior taxa desde 2016. Além dos preços dos alimentos, a maior inflação neste período é explicada pela alta do dólar (desvalorização do real) e preço das *commodities* no mercado internacional, marcado também pela Covid-19.



**Figura 2: Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA - %a.a.) de 2011 a 2020: taxa de variação**

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados do IPEADATA (2021).

Para controlar a inflação, o Banco Central do Brasil utiliza como principal instrumento a taxa básica de juros, Taxa Selic. O nível da Taxa Selic influencia todas as taxas de juros dos empréstimos, dos financiamentos e aplicações financeiras do país. Quando se altera a meta desta taxa, a rentabilidade dos títulos indexados a ela também se altera, fazendo com que os custos de captação dos bancos também mudem. Com a sua diminuição, por exemplo, diminui-se os custos de captação de recursos no sistema financeiro, que tendem a emprestar com juros menores, estimulando consumo e demanda no geral.



**Figura 3: Taxa Selic (% a.a.) – dezembro – 2011 a 2020**

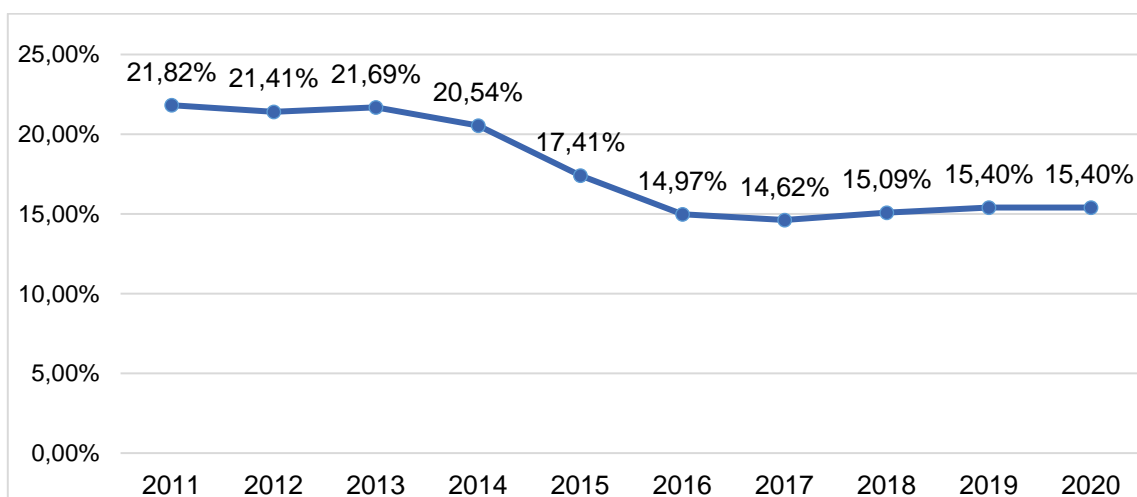
Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados do Banco Central do Brasil (2021a).

Conforme a Figura 3, observa-se que a Taxa Selic se manteve em alto patamar na maior parte dos anos analisados, em linha com a característica brasileira de ser um dos países com maior juro real do mundo. Entretanto, de 2017 em diante observa-se uma grande queda desta taxa, principalmente em 2020, considerado o menor nível da história. E com a desaceleração da economia causada pela Covid-19, de acordo com Gerbelli (2021), os bancos centrais de todos os países reduziram os juros na tentativa de oferecer auxílio às suas economias.

Outra variável relevante para se entender a dinâmica macroeconômica de um país refere-se à taxa de investimento, já que o investimento contribui de maneira significativa para a geração de emprego, produto e renda. Percebe-se a seguir, na Figura 4, que a taxa de investimento da economia brasileira diminuiu no período analisado. A taxa de investimento brasileira apresentou em 2011 até o início de 2014 seu melhor resultado. Mas, com a recessão iniciada em 2014, a taxa de investimento



diminuiu, podendo ser explicado também pela queda da produção interna e da importação de bens de capital (CURY E SILVEIRA, 2017).

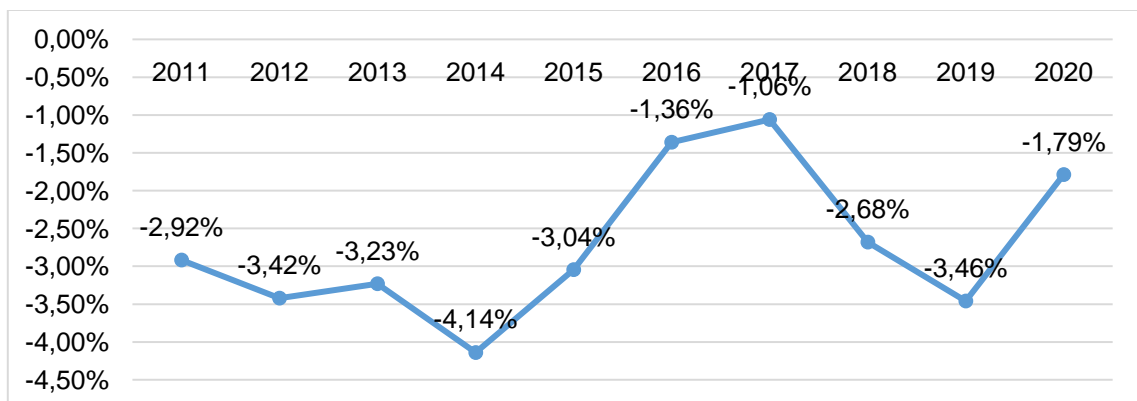


**Figura 4: Taxa de Investimento brasileira (% PIB) de 2011 a 2020**

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados do Fundo Monetário Internacional (FMI, 2021).

A queda da taxa de investimento é observada até 2017, sendo que em 2018 os investimentos voltaram a crescer, mas a uma taxa muito baixa, sobretudo ao se comparar com o início do período analisado. Outro ponto relevante a se destacar é que a formação bruta de capital fixo está mensurada de acordo com uma nova norma a partir de 2018, fazendo com que a Petrobrás tivesse que internalizar as suas plataformas de petróleo pertencentes a uma companhia *offshore* de sua propriedade e que prestam serviço a ela. Assim, algumas plataformas e embarcações passaram a ser considerados bens de capital do país. E esse alto valor das plataformas afetou também os investimentos a partir de 2018, elevando os investimentos como participação do PIB. Entretanto, é possível observar que com a mudança da medição da formação bruta de capital fixo a partir de 2018, a inclusão das plataformas e embarcações da Petrobrás contribuíram para a maior taxa de investimento brasileiro, mas, a taxa não apresentou um aumento significativo entre 2018 e 2020. Mesmo com a inclusão de bens de capital a partir da nova norma, a taxa de investimento da economia brasileira permanece baixa, num patamar abaixo de 20% do PIB (TRECE; CONSIDERA, 2021).

Outro dado relevante a se considerar é o saldo em transações correntes, que indica o quanto o país exporta ou importa poupança para sua formação de capital. No caso de superávit nas transações correntes, a conta de capital e financeira (investimentos direto e em carteira entre brasileiros no exterior ou estrangeiros no Brasil, ou seja, residentes e não residentes) fica negativa, significando um aumento dos ativos líquidos emitidos por não residentes em posse de residentes. Já um déficit em transações correntes significa que o país acaba possuindo uma poupança interna que não é suficiente para financiar seus investimentos (SIMONSEN E CYSNE, 1995).

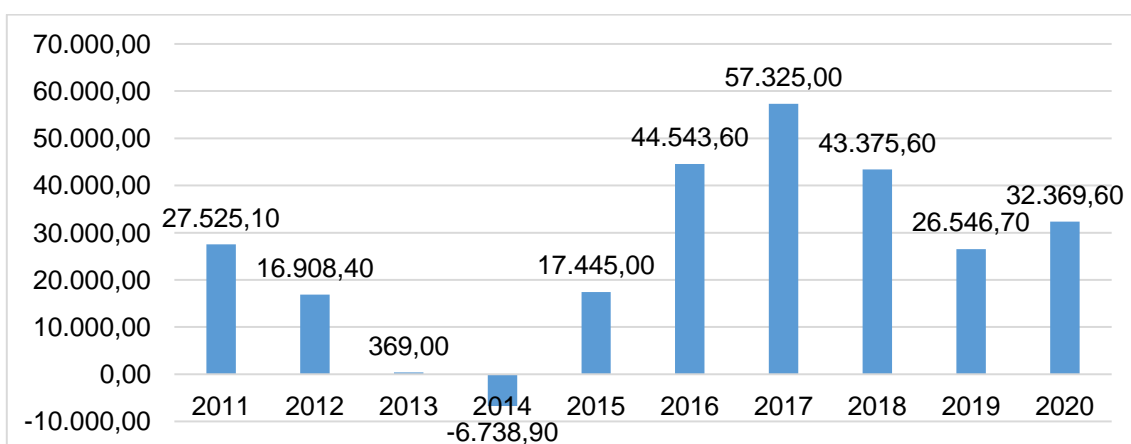


**Figura 5: Saldo em transações correntes brasileiro (% PIB) de 2011 a 2020**

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados do Fundo Monetário Nacional (FMI, 2021).

Os dados da Figura 5 indicam que o saldo em transações correntes brasileiro em todos os anos apresentou déficit, tendo o ano de 2014 o maior volume negativo de todos os anos. No ano de 2020, mesmo com os efeitos da pandemia do Covid-19, o país obteve um saldo acima do esperado se comparado aos demais anos, que pode ser explicado pelo superávit da balança comercial, câmbio desvalorizado, alto preço das *commodities*, dentre outros fatores.

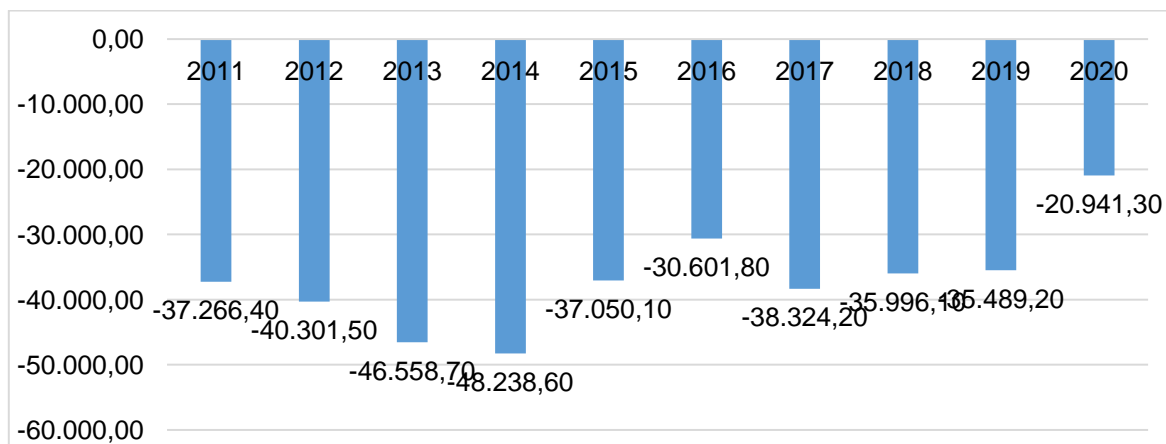
Pôde-se observar a partir dos principais indicadores macroeconômicos, o típico ciclo econômico vivenciado pela economia brasileira no período em questão, figurando momentos de recuperação e depressão da atividade econômica. No tocante ao comércio externo, a figura 6 abaixo apresenta a balança comercial brasileira que, no período, apresentou sucessivos superávits comerciais, sendo o ano de 2017 representativo. O déficit na balança comercial somente ocorre em 2014, pela recessão que afetou também outros agregados macroeconômicos, embora o ano de 2013 já apresentasse saldo superavitário bem baixo.



**Figura 6: Saldo da Balança Comercial brasileira US\$ (milhões) de 2011 a 2020**

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados do Banco Central do Brasil (2021a).

Em termos específicos sobre os serviços, a Figura 7 apresenta a os recorrentes déficits da balança de serviços brasileira. Entretanto, destaca-se que em 2020, mesmo com a pandemia do Covid-19, os serviços apresentaram o menor déficit de todos os anos analisados. Vale ressaltar que o comércio exterior de serviços é secundário, tendo o comércio de bens foco primário em nível global. Ainda assim, este setor está em crescimento e é potencial na contribuição do crescimento brasileiro, a partir de investimentos no setor (KAPPLER, 2014).



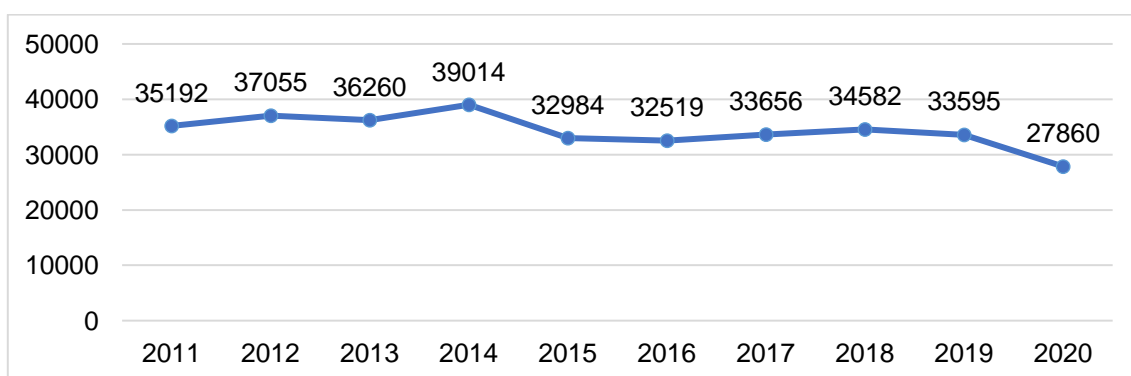
**Figura 7: Saldo da Balança Serviços brasileira (líquido – US\$ milhões) de 2011 a 2020**

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados do Banco Central do Brasil (2021a).

A OMC (2021b) divide os serviços comerciais sem incluir os serviços governamentais, em: i) serviços relacionados a mercadorias - serviços de fabricação em insumos físicos de propriedades de

terceiros e serviços de manutenção e reparação; ii) transporte - serviço de transporte marítimo, aéreo e outros, envolvendo também o transporte de passageiros, movimento de bens, alugueis de empresas transportadoras e outros serviços auxiliares e de apoio; iii) viagens - bens e serviços adquiridos por viajantes pessoas, para fins de saúde, educação e outros, e por viajantes a negócios, ou seja, constitui um conjunto de bens e serviços consumidos pelos viajantes (estada, alimentação, bebidas, presentes, etc); e, iiiii) Outros serviços comerciais - serviços de comunicação, serviços de construção, de seguro, financeiros, computação e informática, taxas de *royalties* e licenças, outros serviços as empresas e serviços empresariais, serviços pessoais, culturais e recreativos.

A partir da Figura 8 é possível observar que a exportação de serviços do Brasil no período analisado teve pouca queda levando em consideração todos os demais dados macroeconômicos afetados na economia. O período com maior exportação foi em 2014, enquanto o com menor exportação foi em 2020, devido ao fechamento das fronteiras e outros meios para conter o avanço da Covid-19, fazendo com que todo o mundo fosse afetado.



**Figura 8: Exportação de serviços comerciais (US\$ Milhões) de 2011 a 2020**

Fonte: Elaboração própria, a partir da OMC (2021a).

Em síntese, discutiu-se nesta seção que o Brasil passou por um ciclo econômico no período 2011 a 2020, a partir de 2014 com a recessão, passando por uma lenta recuperação. No que se refere aos dados da exportação de serviços, observou-se que esta não apresentou tanta volatilidade neste período, como apresentado na Figura 8. Ademais, este setor é representativo à economia brasileira, ao menos quando comparado aos demais países da América Latina. Dessa forma, a próxima seção busca analisar mais profundamente o perfil do setor exportador de serviços brasileiro.

#### **4. EXPORTAÇÃO DE SERVIÇOS BRASILEIRA: TIPOS DE SERVIÇOS E PRINCIPAIS PARCEIROS**

As exportações são de suma importância para o crescimento econômico das diferentes nações. Porém, o desempenho dos países na dinâmica mundial do comércio acaba sendo heterogêneo. O caso do Brasil é representativo de tais discrepâncias. Ele está inserido nas trocas internacionais como um país especializado na exportação de produtos intensivos em recursos naturais. Mas, nos últimos anos, foram ocorrendo mudanças na composição de suas exportações, direcionados em bens de intensidade tecnológica, mesmo ele possuindo uma participação pouco expressiva em alguns destes segmentos (PUGA, 2005).

Segundo dados do SISCOSERV (2020), contemplando os anos de 2014 até 2019, devido ao desligamento definitivo da SISCOSERV (Portaria Conjuntura nº 22.091, de 8 outubro de 2020), pode-se verificar na Tabela 1 a seguir o *ranking* dos principais países compradores das exportações de serviços brasileiras. Observa-se que os Estados Unidos estiveram em primeiro lugar como parceiro comercial do Brasil nas exportações de serviços nos cinco primeiros anos, mas no último ano, em 2019, foi a Holanda que deteve essa colocação. Mas, vale ressaltar que em 2017 os Estados Unidos comprou o equivalente a 16 bilhões de dólares em serviços brasileiros, contra 1 bilhão de dólares dos demais países (SISCOSERV, 2020).

A Holanda, em 2019, comprou mais de 8 bilhões de dólares em exportações de serviços brasileiras, ficando em primeiro lugar neste ano. Nos demais períodos esteve sempre em segunda colocação, ficando somente em terceiro lugar no ano de 2018. Neste ano, a Colômbia ocupou uma posição de destaque com mais de 4 bilhões de dólares direcionados à compra das exportações de serviços do Brasil, visto que nos demais anos os valores eram bem inferiores, sendo que no ano de 2014 ela nem esteve presente entre os 10 países que mais compram serviços do Brasil.

Outros países que merecem destaque em parceiros comerciais de serviços do Brasil, são o Reino Unido, Alemanha e Suíça, em que os três importam do Brasil mais de 1 bilhão de dólares em serviços. Já a China, que representa o maior comprador de produtos brasileiros, na exportação de serviços este país é representativo apenas em 2019, com pouco mais de 600 milhões de dólares em compras dos serviços brasileiros.

**TABELA 1 – RANKING DOS PRINCIPAIS PAÍSES COMPRADORES DAS EXPORTAÇÕES DE SERVIÇOS DO BRASIL**

|             | <b>País Adquirente</b> | <b>Posição</b> |             | <b>País Adquirente</b> | <b>Posição</b> |
|-------------|------------------------|----------------|-------------|------------------------|----------------|
| <b>2014</b> | Estados Unidos         | <b>1º</b>      | <b>2017</b> | Estados Unidos         | <b>1º</b>      |
|             | Holanda                | <b>2º</b>      |             | Holanda                | <b>2º</b>      |
|             | Suíça                  | <b>3º</b>      |             | Alemanha               | <b>3º</b>      |
|             | Alemanha               | <b>4º</b>      |             | Suíça                  | <b>4º</b>      |
|             | Reino Unido            | <b>5º</b>      |             | Reino Unido            | <b>5º</b>      |
|             | Japão                  | <b>6º</b>      |             | Colômbia               | <b>6º</b>      |
|             | França                 | <b>7º</b>      |             | França                 | <b>7º</b>      |
|             | Cayman, Ilhas          | <b>8º</b>      |             | Japão                  | <b>8º</b>      |
|             | Itália                 | <b>9º</b>      |             | Irlanda                | <b>9º</b>      |
|             | Argentina              | <b>10º</b>     |             | Argentina              | <b>10º</b>     |
| <b>2015</b> | Estados Unidos         | <b>1º</b>      | <b>2018</b> | Estados Unidos         | <b>1º</b>      |
|             | Holanda                | <b>2º</b>      |             | Colômbia               | <b>2º</b>      |
|             | Alemanha               | <b>3º</b>      |             | Holanda                | <b>3º</b>      |
|             | Reino Unido            | <b>4º</b>      |             | Alemanha               | <b>4º</b>      |
|             | Suíça                  | <b>5º</b>      |             | Suíça                  | <b>5º</b>      |
|             | França                 | <b>6º</b>      |             | Reino Unido            | <b>6º</b>      |
|             | Japão                  | <b>7º</b>      |             | Chile                  | <b>7º</b>      |
|             | Cayman, Ilhas          | <b>8º</b>      |             | Canadá                 | <b>8º</b>      |
|             | Argentina              | <b>9º</b>      |             | Irlanda                | <b>9º</b>      |
|             | Colômbia               | <b>10º</b>     |             | Argentina              | <b>10º</b>     |
| <b>2016</b> | Estados Unidos         | <b>1º</b>      | <b>2019</b> | Holanda                | <b>1º</b>      |
|             | Holanda                | <b>2º</b>      |             | Estados Unidos         | <b>2º</b>      |
|             | Reino Unido            | <b>3º</b>      |             | Reino Unido            | <b>3º</b>      |
|             | Alemanha               | <b>4º</b>      |             | Alemanha               | <b>4º</b>      |
|             | Suíça                  | <b>5º</b>      |             | Suíça                  | <b>5º</b>      |
|             | França                 | <b>6º</b>      |             | Irlanda                | <b>6º</b>      |
|             | Japão                  | <b>7º</b>      |             | Colômbia               | <b>7º</b>      |
|             | Argentina              | <b>8º</b>      |             | China                  | <b>8º</b>      |
|             | Irlanda                | <b>9º</b>      |             | França                 | <b>9º</b>      |
|             | Cingapura              | <b>10º</b>     |             | Cingapura              | <b>10º</b>     |

Fonte: Elaboração própria, a partir do SISCOSERV (2020).

Por outro lado, também existem serviços que o Brasil precisa importar para suprir suas necessidades. Dessa forma, pode se verificar na Tabela 2 com base no SISCOSERV (2020), que os mesmos parceiros comerciais de exportação de serviços do Brasil, também são os parceiros nos quais o Brasil compra os seus serviços. Destaca-se os Estados Unidos e a Holanda, que venderam ao Brasil serviços que custaram mais de 10 bilhões de dólares nos anos analisados, demonstrando que existe uma maior compra do Brasil pelos serviços de outros países, do que a exportação de serviços de origem brasileira em direção a outras economias.

Ressalta-se, ainda, alguns países que não estão presentes entre os maiores compradores dos serviços brasileiros, mas que são países que o Brasil importa serviços, dentre eles, a Noruega, Espanha e Uruguai.

**TABELA 2 – RANKING DOS PRINCIPAIS PAÍSES VENDEDORES DE SERVIÇOS PARA O BRASIL**

|             | <b>País Vendedor</b> | <b>Posição</b> |             | <b>País Vendedor</b> | <b>Posição</b> |
|-------------|----------------------|----------------|-------------|----------------------|----------------|
| <b>2014</b> | Estados Unidos       | <b>1º</b>      | <b>2017</b> | Estados Unidos       | <b>1º</b>      |
|             | Holanda              | <b>2º</b>      |             | Holanda              | <b>2º</b>      |
|             | Alemanha             | <b>3º</b>      |             | Reino Unido          | <b>3º</b>      |
|             | Reino Unido          | <b>4º</b>      |             | Alemanha             | <b>4º</b>      |
|             | Noruega              | <b>5º</b>      |             | Suíça                | <b>5º</b>      |
|             | Suíça                | <b>6º</b>      |             | Espanha              | <b>6º</b>      |
|             | França               | <b>7º</b>      |             | Noruega              | <b>7º</b>      |
|             | Nova Zelândia        | <b>8º</b>      |             | França               | <b>8º</b>      |
|             | Coréia do Sul        | <b>9º</b>      |             | Japão                | <b>9º</b>      |
|             | Uruguai              | <b>10º</b>     |             | China                | <b>10º</b>     |
| <b>2015</b> | Estados Unidos       | <b>1º</b>      | <b>2018</b> | Holanda              | <b>1º</b>      |
|             | Holanda              | <b>2º</b>      |             | Estados Unidos       | <b>2º</b>      |
|             | Reino Unido          | <b>3º</b>      |             | Reino Unido          | <b>3º</b>      |
|             | Alemanha             | <b>4º</b>      |             | Suíça                | <b>4º</b>      |
|             | Noruega              | <b>5º</b>      |             | Alemanha             | <b>5º</b>      |
|             | França               | <b>6º</b>      |             | Itália               | <b>6º</b>      |
|             | Uruguai              | <b>7º</b>      |             | Noruega              | <b>7º</b>      |
|             | Suíça                | <b>8º</b>      |             | França               | <b>8º</b>      |
|             | Japão                | <b>9º</b>      |             | Espanha              | <b>9º</b>      |
|             | Espanha              | <b>10º</b>     |             | China                | <b>10º</b>     |
| <b>2016</b> | Estados Unidos       | <b>1º</b>      | <b>2019</b> | Estados Unidos       | <b>1º</b>      |
|             | Holanda              | <b>2º</b>      |             | Holanda              | <b>2º</b>      |
|             | Reino Unido          | <b>3º</b>      |             | Reino Unido          | <b>3º</b>      |
|             | Alemanha             | <b>4º</b>      |             | Alemanha             | <b>4º</b>      |
|             | Noruega              | <b>5º</b>      |             | Suíça                | <b>5º</b>      |
|             | França               | <b>6º</b>      |             | Noruega              | <b>6º</b>      |
|             | Suíça                | <b>7º</b>      |             | Espanha              | <b>7º</b>      |
|             | Espanha              | <b>8º</b>      |             | Pacífico, Ilhas do   | <b>8º</b>      |
|             | Uruguai              | <b>9º</b>      |             | França               | <b>9º</b>      |
|             | Japão                | <b>10º</b>     |             | Japão                | <b>10º</b>     |

Fonte: Elaboração própria, a partir do SISCOSERV (2020).

A seguir, na Tabela 3 são apresentados os principais serviços exportados pelo Brasil. Observa-se principalmente a exportação em serviços gerais, de consultoria gerencial, de relações públicas e de comunicação social, com maior exportação em 2014 e 2015, não somente com os Estados Unidos, mas também com demais países como é o caso da Holanda, Alemanha e Suíça.

Inclui-se nesta contagem nos demais anos os outros serviços profissionais, técnicos e gerenciais; serviços auxiliares aos serviços financeiros, exceto relacionados a seguros e previdência complementar, com maior valor de exportação em 2017, sendo mais de 10 bilhões de dólares. Já no ano de 2018, tem-se destaque para mais de 6 bilhões de dólares para o serviço de resseguro e retrocessão. E em 2019, com maior valor de exportação para o serviço de gestão empresarial, consultoria em gestão empresarial e assessoria empresarial (SISCOSERV, 2020).

**TABELA 3 – RANKING DOS PRINCIPAIS SERVIÇOS EXPORTADOS PELO BRASIL DE 2014 A 2019**

|             | <b>Serviços Exportados pelo Brasil</b>  | <b>Posição</b> |
|-------------|---|----------------|
| <b>2014</b> | Serviços gerenciais, de consultoria gerencial, de relações públicas e de comunicação social               | <b>1º</b>      |
|             | Outros serviços profissionais, técnicos e gerenciais não classificados em outra posição                   | <b>2º</b>      |
|             | Serviços auxiliares aos serviços financeiros, exceto os relacionados a seguros e previdência complementar | <b>3º</b>      |
|             | Serviços de transporte aquaviário de cargas   | <b>4º</b>      |
|             | Serviços de manutenção e reparação de produtos metálicos, maquinário e equipamentos                       | <b>5º</b>      |
| <b>2015</b> | Serviços gerenciais, de consultoria gerencial, de relações públicas e de comunicação social               | <b>1º</b>      |
|             | Outros serviços profissionais, técnicos e gerenciais não classificados em outra posição                   | <b>2º</b>      |
|             | Serviços auxiliares aos serviços financeiros, exceto os relacionados a seguros e previdência complementar | <b>3º</b>      |
|             | Serviços de transporte aquaviário de cargas   | <b>4º</b>      |
|             | Serviços de manutenção e reparação de produtos metálicos, maquinário e equipamentos                       | <b>5º</b>      |
| <b>2016</b> | Outros serviços profissionais, técnicos e gerenciais não classificados em outra posição                   | <b>1º</b>      |
|             | Serviços gerenciais, de consultoria gerencial, de relações públicas e de comunicação social               | <b>2º</b>      |
|             | Serviços auxiliares aos serviços financeiros, exceto os relacionados a seguros e previdência complementar | <b>3º</b>      |
|             | Serviços de manuseio de cargas  | <b>4º</b>      |
|             | Serviços de transporte aquaviário de cargas   | <b>5º</b>      |
| <b>2017</b> | Serviços auxiliares aos serviços financeiros, exceto os relacionados a seguros e previdência complementar | <b>1º</b>      |
|             | Outros serviços profissionais, técnicos e gerenciais não classificados em outra posição                   | <b>2º</b>      |
|             | Serviços gerenciais, de consultoria gerencial, de relações públicas e de comunicação social               | <b>3º</b>      |
|             | Serviços de transporte aquaviário de cargas   | <b>4º</b>      |
|             | Serviços de resseguros e de retrocessão   | <b>5º</b>      |
| <b>2018</b> | Serviços de resseguros e de retrocessão   | <b>1º</b>      |
|             | Outros serviços profissionais, técnicos e gerenciais não classificados em outra posição                   | <b>2º</b>      |
|             | Serviços gerenciais, de consultoria gerencial, de relações públicas e de comunicação social               | <b>3º</b>      |
|             | Serviços auxiliares aos serviços financeiros, exceto os relacionados a seguros e previdência complementar | <b>4º</b>      |
|             | Serviços de transporte aquaviário de cargas   | <b>5º</b>      |
| <b>2019</b> | Serviços de gestão empresarial, consultoria em gestão empresarial e assessoria empresarial                | <b>1º</b>      |
|             | Serviços de resseguro e retrocessão   | <b>2º</b>      |
|             | Serviços de manutenção e reparação de produtos metálicos, maquinários e equipamentos                      | <b>3º</b>      |
|             | Serviços auxiliares aos serviços financeiros, exceto os relacionados a seguros e previdência complementar | <b>4º</b>      |
|             | Serviços de engenharia  | <b>5º</b>      |

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados do SISCOSERV (2020).

Segundo Oliveira, Reis e Bloch (2017), os serviços profissionais e gerenciais são as principais atividades exportadas pelo país, tendo como grande demanda pelos mesmos os Estados Unidos e a Holanda. Já os serviços de transporte aquaviário de cargas são comprados principalmente pela Alemanha, enquanto a Suíça importa do país serviços de manuseio de carga, e o Reino Unido serviços auxiliares aos serviços financeiros. Mas, demonstram que o destino principal das exportações acabam sendo os Estados Unidos, mostrando sua importância no comércio de serviços brasileiro, tal qual no comércio de bens, uma vez que o país representa o segundo maior comprador dos produtos brasileiros.

Observa-se na Tabela 4 a seguir, que os serviços comprados (importados) pelo Brasil são mais caros e com nível de complexidade superior aos que são resultado de suas exportações de serviços. Este é o caso do arrendamento mercantil operacional ou locação de máquinas e equipamentos sem operador, com maior importação em 2014, ou seja mais de 20 bilhões de dólares, decaindo nos demais anos, para cerca de 10 bilhões de dólares em 2019, porém, ainda representando um valor expressivo.

Outro segmento com grande valor de importação seria o de serviços de transporte aquaviário de cargas, ocorrendo uma pequena queda somente em 2016, visto que nos demais anos sua importação chegou por volta dos 4 a 5 bilhões de dólares. Ficando logo abaixo, o licenciamento de direitos de autor e direitos conexos, em 2016 e 2017, ultrapassou os serviços de transporte aquaviário de cargas, ficando mais abaixo em 2019, no qual o afretamento de embarcações de carga por tempo ultrapassou esta posição e que esteve pela primeira vez entre as cinco principais importações.

Por fim, entre 2017 e 2019, os serviços de propaganda e de alocação de espaço ou tempo para propaganda esteve presente em 5º lugar, visto que nos demais anos ele não esteve entre os mais classificados.

**TABELA 4 – RANKING DOS PRINCIPAIS SERVIÇOS IMPORTADOS PELO BRASIL DE 2014 A 2019**

|             | <b>Serviços Importados pelo Brasil</b>  | <b>Posição</b> |
|-------------|---|----------------|
| <b>2014</b> | Arrendamento mercantil operacional ou locação de máquinas e equipamentos, sem operador              | <b>1º</b>      |
|             | Serviços de transporte aquaviário de cargas   | <b>2º</b>      |
|             | Licenciamento de direitos de autor e direitos conexos   | <b>3º</b>      |
|             | Serviços de planejamento de viagens e de operador de turismo, outros serviços relacionados          | <b>4º</b>      |
|             | Serviços de transportes aéreo de cargas   | <b>5º</b>      |
| <b>2015</b> | Arrendamento mercantil operacional ou locação de máquinas e equipamentos, sem operador              | <b>1º</b>      |
|             | Serviços de transporte aquaviário de cargas   | <b>2º</b>      |
|             | Licenciamento de direitos de autor e direitos conexos   | <b>3º</b>      |
|             | Outros serviços profissionais, técnicos e gerenciais não classificados em outra posição             | <b>4º</b>      |
|             | Serviços financeiros, exceto bancos de investimento, serviços de seguros e previdência complementar | <b>5º</b>      |
| <b>2016</b> | Arrendamento mercantil operacional ou locação de máquinas e equipamentos, sem operador              | <b>1º</b>      |
|             | Licenciamento de direitos de autor e direitos conexos   | <b>2º</b>      |
|             | Serviços de transporte aquaviário de cargas   | <b>3º</b>      |
|             | Serviços financeiros, exceto bancos de investimento, serviços de seguros e previdência complementar | <b>4º</b>      |
|             | Outros serviços profissionais, técnicos e gerenciais não classificados em outra posição             | <b>5º</b>      |
| <b>2017</b> | Arrendamento mercantil operacional ou locação de máquinas e equipamentos, sem operador              | <b>1º</b>      |
|             | Serviços de transporte aquaviário de cargas   | <b>2º</b>      |
|             | Licenciamento de direitos de autor e direitos conexos   | <b>3º</b>      |
|             | Serviços financeiros, exceto bancos de investimento, serviços de seguros e previdência complementar | <b>4º</b>      |

|      |   |    |
|------|---|----|
|      | Serviços de propaganda e de alocação de espaço ou tempo para propaganda                             | 5º |
| 2018 | Arrendamento mercantil operacional ou locação de máquinas e equipamentos, sem operador              | 1º |
|      | Serviços de transporte aquaviário de cargas   | 2º |
|      | Licenciamento de direitos de autor e direitos conexos   | 3º |
|      | Serviços financeiros, exceto bancos de investimento, serviços de seguros e previdência complementar | 4º |
|      | Serviços de resseguros e de retrocessão   | 5º |
| 2019 | Arrendamento mercantil operacional ou locação de máquinas e equipamentos, sem operador              | 1º |
|      | Serviços de transporte aquaviário de cargas   | 2º |
|      | Afretamento de embarcações de carga por tempo   | 3º |
|      | Licenciamento de direitos de autor e de direitos conexos  | 4º |
|      | Serviços de propaganda e de alocação de espaço ou tempo para propaganda                             | 5º |

Fonte: Elaboração própria, a partir do SISCOSERV (2020).

Nas importações brasileiras de serviços, mais da metade do valor gasto são de arrendamento mercantil operacional, de propriedade intelectual e cessões, franquias empresariais e exploração de outros direitos. Já os serviços financeiros e relacionados, e securitização de recebíveis e fomento comercial são de grande valor adicionado, ou seja, o valor que é adquirido ao ser transformado durante o processo produtivo. Enquanto de baixo valor seriam os serviços profissionais, de apoio às atividades empresariais e de transporte de cargas (OLIVEIRA, REIS E BLOCH, 2017).

Seguindo a Tabela 5, os dados da OMC (2021) também indicam um maior volume de exportação brasileira para outros serviços e outros serviços empresariais, com um crescimento de 2011 a 2012 para este último, com uma pequena queda nos anos seguintes. O mesmo ocorreu para outros serviços, com crescimento até 2014 e depois com uma pequena queda nos anos correntes, ou seja, para ambos foram ocorrendo quedas, terminando o ano de 2020 com menor exportação dentre os outros anos analisados.

Verificou-se um crescimento para telecomunicações, informática e informação, principalmente a partir de 2017. Porém, os serviços que vieram a decair ao longo desse período foram a construção, com um aumento significativo em 2014, mas com uma grande queda nos demais anos. O mesmo foi ocorrendo para os serviços financeiros, e serviços pessoais, culturais e recreativos. Por fim, os serviços de transporte e viagem tiveram uma grande parcela, com altos e baixos ao longo dos anos, principalmente as viagens em 2020 que reduziram-se, podendo ser explicado pela pandemia de Covid-19 que levou à restrição de movimentação de pessoas para conter o avanço do vírus. Além do setor de viagens, ocorreu também uma queda nos demais setores neste último ano analisado, justificando-se pelos problemas causados pela Covid-19 em nível mundial.

Dessa forma, nota-se que o valor das importações brasileiras de serviços é muito expressivo quando comparado com o resultado obtido pela venda de serviços brasileiros ao exterior, ficando o país dependente dos países desenvolvidos, principalmente dos Estados Unidos e também da Holanda pela parte da importação. O mesmo ocorre para as exportações, nos quais predominam os Estados Unidos como o principal comprador, seguido da Holanda, Suíça, Alemanha e Reino Unido.

**TABELA 5 – EXPORTAÇÃO DE SERVIÇOS BRASILEIRA POR SETOR DE 2011 A 2020– ANUAL  
(MILHÕES DE DOLARES)**

| Produto/Setor                       | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 | 2019 | 2020 |
|-------------------------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| Serviços relacionados a Mercadorias | 18   | 11   | 16   | 374  | 450  | 370  | 471  | 1332 | 496  | 1201 |
| Transporte                          | 5818 | 5423 | 5374 | 5812 | 4920 | 5009 | 5770 | 5814 | 5525 | 5059 |
| Viagem                              | 6095 | 6378 | 6474 | 6843 | 5844 | 6024 | 5809 | 5921 | 5995 | 3044 |
| Construção                          |      |      |      | 288  | 53   | 41   | 14   | 7    | 30   | 17   |



|  |              |              |              |              |              |              |              |              |              |              |
|--|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| Serviços de seguros e pensão                   | 505          | 541          | 473          | 669          | 988          | 784          | 688          | 536          | 970          | 581          |
| Serviços financeiros                           | 2478         | 2460         | 2743         | 1176         | 742          | 739          | 679          | 775          | 1011         | 829          |
| Encargos pelo uso de propriedades intelectuais | 301          | 276          | 368          | 375          | 581          | 651          | 642          | 825          | 641          | 634          |
| Telecomunicações, informática e informação     | 523          | 732          | 708          | 1446         | 1571         | 1804         | 2186         | 2617         | 2574         | 2524         |
| Outros serviços empresariais                   | 16734        | 18278        | 17360        | 21351        | 17521        | 16530        | 17084        | 16407        | 15835        | 13559        |
| Serviços pessoais, culturais e recreativos     | 2721         | 2957         | 2745         | 681          | 314          | 568          | 313          | 346          | 518          | 411          |
| Outros serviços                                | 25036        | 26986        | 26065        | 26905        | 22558        | 21849        | 22408        | 22311        | 22260        | 19167        |
| <b>Total</b>                                   | <b>60229</b> | <b>64042</b> | <b>62326</b> | <b>68920</b> | <b>55542</b> | <b>54369</b> | <b>56064</b> | <b>56891</b> | <b>55855</b> | <b>47026</b> |

Fonte: Elaboração própria, a partir da OMC (2021a).

Além disso, os serviços profissionais e gerenciais são os principais serviços exportados e o arrendamento mercantil operacional o principal importado, levando-se à interpretação de que é preciso maior esforço na exportação de serviços de maior valor tecnológico e, portanto, maior valor agregado e monetário, a fim de se auxiliar a redução da dependência tecnológica do país, que também se expressa no setor de serviços.

Ressalta-se, contudo, que faz-se necessário a ampliação do investimento no setor de serviços e posterior exportação de tais serviços, para levá-la a um patamar mais elevado comparando-se com outras grandes economias. Corroborando com a análise tratada no referencial teórico, as exportações neste setor podem ser muito mais dinâmicas, como em outros países, auxiliando de vários modos a economia brasileira, principalmente em termos tecnológicos, gerando também lucratividade e competitividade.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo principal verificar a dinâmica das exportações de serviços do Brasil no período de 2011 a 2020. Levando-se em consideração a análise teórica e histórica, a origem da era comercial pode ser considerada a partir da Revolução Comercial. Neste período surgiram diversas teorias a respeito da importância do comércio entre as nações, deste Adam Smith com a Teoria Liberal do Comércio Internacional, David Ricardo com a Teoria das Vantagens Comparativas, autores como Friedrich List, Dosi, Pavitt e Soete, que trouxeram críticas às teorias neoclássicas do comércio internacional, o autor Raul Prebisch que critica as teorias de que os benefícios do comércio internacional atingem todos os países de forma equitativa, e, por fim, o surgimento da Nova Teoria do Comércio, através de trabalhos de Paul Krugman datados do início da década de 1980.

Considerando as questões históricas que marcam o desenvolvimento do comércio em nível internacional, cita-se, mais recentemente, a maior globalização entre as economias, a partir da maior integração das corporações financeiras e sistema bancário, integrando a fase de globalização não apenas comercial, mas também financeira, além da atual fragmentação produtiva mundial, representada hoje pelas cadeias globais de valor. No tocante ao Brasil, a abertura comercial foi benéfica na medida em que, conhecido como agroexportador, o país diversificou sua pauta exportadora, se tornando exportador inclusive de serviços, sendo o país mais dinâmico da América Latina neste ramo. Entretanto, mesmo sendo destaque na América Latina, o país possui uma participação muito baixa neste segmento se comparada com os grandes países desenvolvidos e grandes exportadores, além de se situar à margem da configuração recente das cadeias em nível global.

No tocante à análise macroeconômica da economia brasileira nos anos 2011 a 2020, percebe-se a alta volatilidade da maior parte dos indicadores, principalmente entre 2014 e 2016, e ainda em 2020, com o impacto da Covid-19 que atingiu uma economia que já estava em decadência. Contudo, observa-se que mesmo os principais dados macroeconômicos apresentando altas e baixas ao longo desses anos, as exportações de serviços apresentaram pouca queda no país. E esse tipo de segmento engloba vários serviços, que muitas vezes são intensivos em conhecimento, aumentando a produtividade e competitividade empresarial, representando uma importante oportunidade de crescimento e desenvolvimento ao Brasil, além de oportunidade de inserção em alguma ‘rede internacional de produção’.

Pôde-se demonstrar que os países mais dinâmicos no segmento de serviços continuam sendo os mais desenvolvidos, como é o caso dos Estados Unidos, Holanda e Reino Unido desde 2014 até 2019, e por fim, a China com maior exportação em 2020. Ademais, além de serem os maiores compradores dos serviços do Brasil, também são alguns dos maiores vendedores para o país, que importa fortemente serviços de arrendamento mercantil operacional e os serviços profissionais e gerenciais.

Nesse sentido, interpreta-se que é preciso maior esforço na exportação de serviços de maior valor tecnológico. Para tal, o investimento, tão baixo e esquecido no país, precisa voltar a patamares capazes de oferecer novas perspectivas de desenvolvimento econômico ao Brasil. Ademais, reconhece-se que há inúmeros fatores estruturais, conjunturais e políticos que atuam como depressores do investimento público e privado no país, não só na década analisada, mas ao longo da história brasileira. Entretanto, o que não se pode é deixar de se discutir e propor oportunidades possíveis para se contornar tais problemas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARBACHE, Jorge. Exportação de serviços: uma alternativa viável para os países em desenvolvimento?. **Economia de serviços**. 2016. Disponível em: <https://economiadeservicos.com/2016/06/07/exportacao-de-servicos-uma-alternativa-para-os-paises-em-desenvolvimento/>. Acesso em: 11 fev 2022.

BATISTA, Henrique Gomes. Brasil cai para o 57º lugar em ranking internacional de competitividade. **Economia, O Globo**. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/brasil-cai-para-57-lugar-em-ranking-internacional-de-competitividade-25064449>. Acesso em: 10 fev 2022.

BUZZO, Everton José. **Fundamentos de comércio exterior**. 1. ed. Rio de Janeiro: Estácio, Seses, 2015.

DOSI, Giovanni; PAVITT, Keith; SOETE, Luc. *The economics of technical chance and international trade*. Brighton: Wheatsheaf, 1990.

CNI, Confederação Nacional da Indústria. Comércio Internacional de serviços em 2020: Análise do Brasil e das Principais Economias. Valores de 2020 e variações sobre 2019. **Portal da Indústria, CNI**. Disponível em: [https://static.portaldaindustria.com.br/portaldaindustria/noticias/media/filer\\_public/48/3c/483c19e7-0520-4673-b359-fd96762d1b86/comercio\\_internacional\\_de\\_servicos\\_em\\_2020.pdf](https://static.portaldaindustria.com.br/portaldaindustria/noticias/media/filer_public/48/3c/483c19e7-0520-4673-b359-fd96762d1b86/comercio_internacional_de_servicos_em_2020.pdf). Acesso em: 10 fev 2022.

COUTINHO, Eduardo Senra; PEIXOTO, Fernando de Vilhena Lana; RIBEIRO FILHO, Paulo Zschaber; AMARAL, Hudson Fernandes. De Smith a Porter: um ensaio sobre as teorias de comércio exterior. **Revista de Gestão USP**, São Paulo, v. 12, nº 4, p. 101-113, out/dez, 2005.

CONSIDERA, Claudio; TRECE, Juliana. A nova década perdida brasileira e o resto do mundo – resultados per capita. **FGV IBRE: Blog do IBRE**, Mar, 2021. Disponível em: <https://blogdoibre.fgv.br/posts/nova-decada-perdida-brasileira-e-o-resto-do-mundo-resultados-capita>. Acesso em: 10 fev 2022.

ESTEVADEORDAL, A., BLYDE, J.; SUOMINEN, K. As cadeias globais de valor são realmente globais? Políticas para acelerar o acesso dos países às redes de produção internacionais. **RBCE**, n 115, 2013. Disponível em: [http://www.funcex.org.br/publicacoes/rbce/material/rbce/115\\_aejbks.pdf.pdf](http://www.funcex.org.br/publicacoes/rbce/material/rbce/115_aejbks.pdf.pdf) Acesso em: 07 fev.2022.

FERREIRA, Chynthia Spirandeli; PINHEIRO, Margareth Barbara Senne; RIBEIRO, Karém Cristina de Souza; ROGERS, Poble. Utilização dos incentivos fiscais e financeiros para exportação como estratégia de competitividade. In: **XI congresso brasileiro de custos**. Porto Seguro, BA, out, 2004.

FERREIRA, Douglas. Comércio Exterior de Serviços: o recorte dos serviços agregadores de valor. **Economia de Serviços**, 2018. Disponível em: <https://economiadeservicos.com/2018/07/03/comercio-exterior-de-servicos-o-recorte-dos-servicos-agregadores-de-valor/>. Acesso em 11 fev 2022.

GARCIA, Ana Laura. **As exportações brasileiras entre 1998 e 2018: uma análise sobre a reprimarização**. Trabalho de graduação (Bacharel em Ciências Econômicas) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

KRUGMAN, Paul R.; OBSTFELD, Maurice; MELITZ, Marc J. **Economia Internacional**. 10. ed. São Paulo: Pearson, 2015.

KON, Anita. O comércio internacional da indústria de serviços: os impactos do desenvolvimento de países da América latina. **Cadernos PROLAM/USP**, Ano 5. Vol. 2, p. 9-47. 2006.

MAGNOLI, Demétrio. **Geografia para o Ensino Médio**. 2. ed. São Paulo: Atual, 2012.

SARQUIS, Jose Buainain Sarquis. **Comércio Internacional e Crescimento Econômico no Brasil**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

MOREIRA, Uallace. Teorias do Comércio internacional: um debate sobre a relação entre crescimento econômico e inserção externa. **Revista de Economia Política**. V. 32, n. 2, p.213-228, abril/jun, 2012.

PEREIRA, Lia Valls; SENNES, Ricardo; MULDER, Nanno. **Exportações brasileiras de serviços comerciais**. Fundação Getúlio Vargas. Instituto Brasileiro de Economia. Texto para discussão nº 7, dez. 2009.

RIGHETTI, César; MICHEL, Murillo. O Comércio Internacional como fonte geradora de desenvolvimento econômico e social do país. **Rev. Científica Eletrônica de Administração**. ISSN: 1676-6822. Ano VII. nº12, jun, 2007.

VILLELA, Arthur Blois; BRUCH, Kelly Lissandra. **Ensaio sobre as teorias de comércio internacional**. In: VIEIRA, Adriana Carvalho Pinto; ZILLI, Júlio Cesar; BRUCH, Kelly Lissandra (Org.). Propriedade intelectual, desenvolvimento e inovação: ambiente institucional e organizações. Criciúma: EDIUNESC, 2017. p. [186]-203. DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/pidi09>.

SANTOS, Geovana Karolina dos; AMORIM, Maria do Carmo Leticia Moraes. **Comércio Internacional em tempos de crise: exportações de bens e serviços do Brasil e do Mundo (2000-2018)**. Centro Universitário Tabosa de Almeida. Dez, 2019. Disponível em: <http://repositorio.asc.es.edu.br/handle/123456789/2524> Acesso em 30 set 2021.

SISCOSERV, Sistema Integrado de Comércio Exterior de Serviços, Intangíveis e Outras Operações que Produzam Variações no Patrimônio. **Estatísticas do SISCOSERV**. Brasil. Ministério da Economia. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/produktividade-e-comercio-exterior/pt-br/testes/estatisticas-do-siscoserv>. Acesso em: 04 fev 2022.

Zhang, L.; Schimanski, S. CADEIAS GLOBAIS DE VALOR E OS PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO. **Boletim de Economia e Política Internacional**, n. 18, 2014. Disponível em: [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5322/1/BEPI\\_n18\\_Cadeias.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5322/1/BEPI_n18_Cadeias.pdf). Acesso em: 05 fev. 2022.